

EDUCAÇÃO ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA PERSPECTIVA DOCENTE EM EDUCAÇÃO BÁSICA

Moema Rocha Quintão

Eixo Temático: Educação em espaços não formais

FORMA DE APRESENTAÇÃO:

Este trabalho foi extraído da tese de doutorado que investigou o uso de espaços educativos diversificados na área das ciências naturais na educação básica. A pesquisadora utilizou o discurso docente para traçar uma cartografia das representações sociais da professora K. L. G., a partir da relação ensino, aprendizagem e sociedade. A docente realizou poucas experiências de ensino em espaços extraescolares e considerou-as “boas”, mas “poderia ter explorado mais”, pois o aluno como participante autônomo é fundamental para o processo de construção do conhecimento. Assim, promoveu a saída a uma marmoraria onde os estudantes associaram os estudos da formação das rochas - que viram em sala - às explicações do guia do estabelecimento. As experiências, que implicam em visitas de conteúdo científico, permitem uma dinâmica diferenciada na prática do ensino de ciências e na recepção dos conteúdos por parte dos alunos. Os contextos sociais e a própria verificação *in situ* das teorias, que aparentam serem complexas, podem sanar algumas dificuldades dos alunos em observar, na prática, o que aprenderam na teoria, legitimando a necessidade de conhecer determinados assuntos. Portanto, essa pesquisa procurou problematizar como os espaços educativos diversificados se articulam, mostrando a importância para a aprendizagem, com destaque para as ferramentas que contribuem para a aproximação entre educação e sociedade.

INTRODUÇÃO:

O ensino das Ciências Naturais necessita restabelecer uma conexão com práticas pedagógicas em espaços educativos diversificados, que sejam abordados pelos docentes com o objetivo de criar trajetórias pedagógicas que estimulem o interesse dos estudantes pelos conteúdos afins.

Sob essa abordagem, o trabalho fomentou a discussão sobre os espaços educativos diversificados, a educação formal e as posições discursivas da docente entrevistada; segundo a noção de representação social de Moscovici (2009). Esse autor argumenta sobre o carácter simbólico e histórico das representações, o que pressupõe a existência de valores e crenças que cristalizam-se nos discursos proferidos, portanto, que marcam as falas dos professores do ensino básico no que diz respeito às declarações da importância – ou não - do ensino transversal e o uso de espaços extraclasse no ensino das ciências naturais.

Os espaços educativos diversificados são lugares utilizados pela educação formal, localizados fora da sala de aula, podendo estar na instituição de ensino ou fora dela. Podem ser institucionalizados quando oferecem uma estrutura para atender os visitantes como: banheiros, showrooms, etc; ou não institucionalizados quando o ambiente não oferece uma estrutura física. Nesse artigo, esses espaços estão vinculados à educação formal, já que representam o ambiente de estudo dos conteúdos escolares que estimulam e complementam a aprendizagem. Já a educação não formal, no entanto, não tem um tempo predeterminado como, por exemplo, o ano escolar; e permite construir conhecimentos a partir das interações que se estabelecem no processo educativo.

A pesquisa baseou-se em referências bibliográficas que modelam o marco teórico sobre a perspectiva de Bakhtin (1999) da linguagem, entendendo-a como um produto social, no qual cristalizam-se ou rompem-se crenças e valores sócio-históricos. Neste sentido, é notável o suporte teórico oferecido pelos textos de Paulo Freire (2011), Moscovici (2009) e Morin (2013), assim como pelos debates produzidos por Trilla (2008), que contribuem para que a investigação expanda-se na compreensão da interface entre sujeito e subjetividade, na relação estabelecida com as diferentes práticas educativas que formam, modificam, educam, transformam, mostrando que o sujeito, a subjetividade e o discurso são produzidos pela cultura que sempre se produz simbólica e arbitrária.

Este discurso faz parte da análise das posições discursivas do docente K. L. G. que leciona as disciplinas Ciências e Sociologia, e, da reflexão do sistema de valores e crenças que orientam os discursos para observar como é a relação entre pensamento/ideologia e prática docente. O ponto de vista da professora chamou a atenção para alguns detalhes da prática docente, como a contextualização dos Projetos Políticos Pedagógicos de acordo com a realidade das escolas e comunidades que delas dependem, além de promover a interdisciplinaridade nas avaliações de ingresso à universidade, que cobra conteúdos de livros e práticas que envolvem a saída para ambientes naturais diversos.

METODOLOGIA:

A pesquisa de campo apresentou duas etapas de perguntas abertas. A primeira parte, foi uma abordagem sobre "formação docente", com temas relacionados às características profissionais, à atuação, ao desempenho profissional, ao regime de trabalho, à modalidade de trabalho da escola em questão e às relações entre essas características e os espaços educativos diversificados. A entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 178), trata-se de “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto, através de uma conversa de natureza profissional”. Na segunda parte da entrevista, os aspectos abordados são a prática docente e a relação com a docência em espaços extraclasse. As perguntas, dessa fase, desenvolvem temas como a teoria e a prática dos lineamentos curriculares, o uso de espaços educativos diversificados na prática docente, a descrição de experiências, a opinião da docente em relação ao papel do professor de Ciências Naturais para o exercício da cidadania e outros. Segundo Ameigeiras (2006, p. 130), a entrevista: “[...] constitui uma ferramenta fundamental para aprofundar o conhecimento da trama sociocultural, mas muito especialmente para aprofundar a compreensão dos significados e pontos de vista dos atores sociais”.

Os questionários servem como uma forma de desenvolver análises dos discursos da docente baseados em “códigos”, que são termos utilizados para o manejo das informações, tais como: formação docente, prática docente, recursos didáticos, documentos pedagógicos, vantagens das atividades em espaços educativos diversificados e dificuldades em trabalhar nesses espaços. A entrevista foi gravada e transcrita com a ajuda do software Atlas.ti, que permitiu realizar tratamento estatístico de dados, além de codificar uma base de dados que possibilitou uma análise textual.

A partir da análise dos discursos da docente, é possível observar como as principais “dificuldades do ensino em espaços educativos diversificados” estão vinculados aos vazios criados durante a própria formação docente, o que contradiz as demandas da prática docente, quando isso projeta a necessidade de professores criativos e preparados para trabalhar de forma integrada e transdisciplinar, envolvendo as etapas do ensino em experiências práticas e interativas.

RESULTADOS:

A professora observou que os espaços educativos diversificados são lugares que têm um grande potencial para a integração entre a escola e a comunidade, estimulando a aprendizagem prática dos estudantes, incentivando ou provocando diferentes experiências com o ambiente natural ou cultural. Existem diferentes obstáculos a considerar num processo dinâmico extracurricular, mas é importante que a direção da escola incentive e apoie os docentes para desenvolver atividades em espaços de aprendizagem diversificados, racionalizando o exercício pedagógico e permitindo aos estudantes experimentar novas práticas de ensino. Desde a interdisciplinaridade, e inclusive desde a transversalidade entre os conteúdos trabalhados na sala de aula e os projetos fora das paredes da escola, é possível tornar as aulas mais interessantes e comprometidas, conseguindo assim uma maior percepção dos estudantes.

CONCLUSÃO:

A análise indica que a entrevistada reconhece a importância da experiência do professor fora do espaço organizacional. No entanto, reflete sobre a necessidade desse tipo de práticas docentes, afirmando que a visita a espaços diversificados é mais relevante para a vida pessoal do estudante do que para sua trajetória acadêmica. Para ela, a visita a museus e espaços naturais é bom na medida em que permite o sucesso em exames como os vestibulares e o ENEM. Essas atividades em ambientes externos poderiam ser ampliadas a projetos de extensão mais elaborados de forma interdisciplinar. Segundo a professora, as atividades em ambientes extracurriculares devem estar vinculadas ao Projeto Político Pedagógico, e devem servir como uma forma de orientar as práticas de ensino de acordo com as diferentes necessidades de cada contexto. Esse trabalho pode ser um marco pedagógico sugestivo para o uso de práticas didáticas criativas que despertem o interesse dos estudantes por temas relacionados com os conteúdos dos livros, os quais podem ser trabalhados de forma lúdica e interativa, tornando o ensino mais palpável e interdisciplinar, permitindo o intercâmbio de conhecimentos *in situ* de alunos e docentes na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMEIGEIRAS, A. R. El abordaje etnográfico em la investigación social. In. **Estrategias de investigación cualitativa**. España: Gedisa, 2006.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Ministério da Educação - MEC, Brasília, DF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7^a ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia. Editado por Gerard Duveen, traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: 2009.

TRILLA, J. A educação não formal. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Educação formal e não formal**. São Paulo: Summus, 2008.